

Isabel Capeloa Gil
Reitora

A Universidade como protagonista do futuro

Excelência, Sr. Presidente da República, Prof. Marcelo Rebelo de Sousa
Excelência Reverendíssima Sr. Bispo do Porto, D. Manuel Linda,
Senhor Presidente do Supremo Tribunal de Justiça
Senhor Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Prof. Manuel Heitor
Senhora Conselheira Maria dos Prazeres Beleza,
Senhora Professora Manuela Albuquerque Veloso
Senhores Embaixadores e demais representantes diplomáticos,
Senhores Reitores e Vice-Reitores,
Senhor Presidente do Instituto Politécnico do Porto,
Senhor Vice-Presidente da Câmara do Porto,
Senhores Comandantes de Academias Militares e do Instituto Universitário Militar
Senhores Bastonários das Ordens dos Médicos, Médicos Dentistas e Nutricionistas,
Senhores antigos Reitores da Universidade Católica Portuguesa,
Senhores Vice-Reitores da Universidade Católica Portuguesa e senhora Administradora,
Senhores Membros do Conselho Superior da UCP,
Senhores Presidentes de Centros Regionais da UCP,
Doutores Honoris Causa pela UCP,
Senhores Diretores de unidades académicas e centros de investigação,
Senhores Professores,
Caros membros das Associações de *Alumni* da UCP,
Caros estudantes e colaboradores,
Novos doutores e suas famílias,
Demais autoridades académicas, religiosas e civis,
Distintos convidados,
Minhas senhores e meus senhores,

Permito-me começar por agradecer e assinalar a particular honra da presença de Sua Excelência, o Presidente da República, Prof. Marcelo Rebelo de Sousa neste Dia da Universidade Católica Portuguesa, universidade que muito lhe deve e de quem é amigo. E agradecer também reconhecida o privilégio da presença do Senhor Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Prof. Manuel Heitor, sobretudo porque sei que teve de reorganizar a sua agenda e um importante

compromisso para hoje estar aqui, tal como esteve na assinatura do protocolo em Menlo Park que deu origem ao grande projeto Alchemy. Estou-lhe muito grata. Este é um dia feliz para a Católica, porque inauguramos o novo edifício da Escola Superior de Biotecnologia e porque congregamos neste auditório muitos daqueles que enquanto docentes e investigadores, parceiros empresariais e de conhecimento e decisores autárquicos, têm acompanhado o crescimento da universidade. Não existimos isolados na torre asséptica da investigação, porque é na validação do impacto do que aqui estudamos na vida, nas organizações e na ação das comunidades em que estamos inseridos, que a verdadeira relevância da Católica se mede. É justamente o que referia há dias o Presidente da Univ. de Georgetown, John deGioia, ao assinalar que toda a ação de uma universidade católica, no ensino e na investigação, está intimamente comprometida com o trabalho em prol da justiça social. Neste horizonte, temos vindo a cumprir há 53 anos uma missão de defesa dos valores inclusivos, ecuménicos e justos do humanismo e de capacitação académica e científica do país. Não o faríamos sem a confiança e a aposta da sociedade civil, de várias instituições de I&D e das empresas. Neste Dia da UCP, a todos deixo os meus agradecimentos.

Para 2020, a Universidade Católica Portuguesa escolheu como lema do seu dia nacional “A Universidade como protagonista do futuro”. Vivemos um tempo em que protagonismo se confunde frequentemente com celebridade, populismo ou mesmo autoritarismo carismático. Numa lógica institucional, os protagonistas situam-se no plano das organizações internacionais, nos partidos políticos, nas empresas líder de mercado ou nos *players* emergentes, reúnem-se em Nova Iorque, Davos, Bruxelas, Frankfurt, Tóquio e nestes clubes, em regra, não se incluem universidades. Todavia, não podemos esquecer que protagonistas – neste caso da desilusão - são também os atores que nas ruas contestam a globalização da indiferença, os que perante a realidade de uma crise de recursos e de uma crescente e evidente exaustão do planeta, se sentem os perdedores da contemporaneidade, ao mesmo tempo que olham a quarta revolução tecnológica como desafiando o futuro do trabalho e bem assim da vida ativa como definidora da matriz do humano. Se é certo que os seres humanos se tornaram ‘agentes climáticos’ (Dipesh Chakrabaty, 2016), intervindo com dano no equilíbrio frágil do

planeta, também é certo que um discurso em torno de protagonistas não pode deixar de olhar a natureza e o ambiente como desempenhando o papel principal na crise do presente. Como assinala o escritor indiano Amitav Gosh, ao descrever as florestas de mangustos na Baía de Bengala no Bangladesh: “(...)a terra está evidentemente viva, (...) não existe por qualquer acaso exclusivamente para ser o palco da ação da história humana, mas (...) é, em si, protagonista.” (Gosh, 2016:6)¹. Não é de descuidar o facto de universidades não terem porventura ido suficientemente longe na consciencialização, prevenção e ataque às alterações climáticas. Mas ainda não é tarde.

Acresce que na sociedade de conhecimento os espaços de produção de ciência se alargaram às empresas, que não raro criaram também as suas academias. A universidade não é mais, e bem, a diva da ópera do saber. Tal não significa, contudo, que se deva limitar a um papel secundário na condução do desenvolvimento societal, interiorizando uma crise que tem ciclicamente informado o discurso sobre a universidade. Os intensos debates sobre o papel, o lugar e a relevância da universidade ocorrem em geral em momentos de charneira, quando uma perceção de crise inspira à mudança. Estes momentos têm sido abundantes e recorrentes, o que pode indiciar que a crise é a condição natural das universidades. Na verdade se olharmos à controvérsia entre a ideia de universidade defendida pelo Cardeal John Henry Newman e a visão de Bernard Shaw, passando pela *Misión de la universidad* de José Ortega y Gasset, às reflexões de Virginia Woolf e de Adrienne Rich sobre o lugar das mulheres na universidade, ou, já em 2018, o trabalho notável do matemático Chris Brink, antigo Vice-Chanceler da Univ de Newcastle, *The Soul of a University. Why Excellence is not enough*, verificamos que o debate em torno da missão da universidade e do impacto da sua ação são definidores da sua matriz autonómica e de exploração do pensamento livre.

Num tempo de explosão de novos e contraditórios protagonistas, pensar a universidade como protagonista do futuro significa reclamar o direito a fazer diferente, uma autonomia sem condições, significa encontrar uma proposta de

¹ Amitav Gosh, *The Great Derangement. Climate Change and the Unthinkable*, Chicago University Press: 2016.

valor que não decorra da reação às tendências ou às necessidades de curto prazo, mas que antecipe a transformação, que arrisque e que também saiba falhar, refazer e recomeçar. Ser protagonista não significa exclusivamente reclamar o papel principal, como na tragédia grega. Na verdade, se olharmos para a origem da expressão, que congrega o prefixo grego *prótos*, que significa primeiro, e *agonistes*, formado a partir do étimo *agon*, luta, combate; verificamos que protagonista é o lutador que faz o primeiro combate, o que ousa levar a ação avante. Protagonista será o mobilizador, quem abre caminho, de forma resiliente, combativa, inovadora. Ora é no assumir desta função de liderança combativa em prol de uma sociedade mais justa, economicamente robusta, digna e ecologicamente solidária, que se joga a alma da universidade, antecipando o futuro e não simplesmente reagindo *ex post*. E essa antecipação faz-se diariamente nas nossas salas, nos laboratórios, sempre que mentes criativas procuram formas de melhorar a nossa condição.

É justamente por isso que exercendo em tudo o que faz o impulso transformador que é próprio da sua missão, o verdadeiro protagonismo da universidade apenas se realizará na medida em que produzir e der poder a outros novos protagonistas, os seus graduados, os jovens que irão verdadeiramente gerir o futuro que aqui antecipamos. Na audiência à Federação Internacional das Universidades Católicas, em novembro de 2019, o Papa Francisco afirmou que a grande missão das universidades católicas se define pela formação sólida de novos protagonistas. “A forte pressão sentida em diversos âmbitos da vida socio-económica, política e cultural, interpela a vocação da própria universidade, em particular a tarefa dos professores de ensinar, investigar e preparar as gerações mais jovens para que se convertam não só em profissionais qualificados nas diversas disciplinas, mas também protagonistas do bem comum, em líderes criativos e responsáveis na vida social e civil (...). É neste sentido que as universidades hoje se devem interrogar que contribuição podem e devem dar para a saúde integral do ser humano e uma ecologia solidária.”

Na Católica nunca nada foi fácil, o que dá mais gosto aos conseguimentos. Temos espírito pioneiro e por isso é com redobrado orgulho que hoje inaugurámos o novo edifício da Escola Superior de Biotecnologia, a primeira unidade académica

dedicada à Biotecnologia em Portugal, fundada em 1984. Com o novo edifício conclui-se a concentração de todas as unidades académicas do Centro Regional do Porto na Foz e ao mesmo tempo fecha-se a incubação do grande projeto Alchemy, resultado de uma parceria entre o Estado Português, através da AICEP, a Universidade Católica e uma empresa líder em ciência e tecnologia e no desenvolvimento e produção de ingredientes puros e sustentáveis para os mercados da Saúde e Bem-Estar, Beleza e Sabores, a americana Amyris, numa iniciativa cujo valor totaliza 42,3 milhões de Euros. Este investimento em investigação, desenvolvimento e inovação tem uma duração de 5 anos e produziu já um impacto muito relevante na criação de emprego científico, permitindo a contratação de 70 novos investigadores, além de reforçar o posicionamento do Porto e de Portugal como grande pólo de desenvolvimento de conhecimento no campo da biotecnologia e da economia circular. Quero salientar os protagonistas deste projeto, a Profa Manuela Pintado, Diretora do CBQF, John Mello, CEO da Amyris que acreditou que a investigação da Católica traz valor acrescentado ao trabalho do cluster da biotecnologia da grande área de conhecimento de S. Francisco, e o Estado português, que cumprimento na figura do sr. Ministro Manuel Heitor e bem assim a AICEP, representada pelo seu presidente Luís Castro Henriques, a quem a UCP agradece o apoio estratégico para a realização de uma parceria pioneira que dará novo protagonismo a Portugal.

O reforço do ecossistema de investigação na que tem vindo a ser desenvolvido a partir da reorganização efetuada em 2015, associado a uma orientação estratégica, que contempla um sistema de incentivos e prémios, resultou no reconhecimento da excelência da investigação UCP, que se verteu num aumento de 69% de financiamento FCT no último exercício de avaliação dos centros de I&D. Em 2020, cerca de 20% do orçamento da UCP é resultado de financiamento competitivo de I&D. Do mesmo modo, ao longo de 2019, os protagonistas da UCP, os nossos investigadores e docentes, foram galardoados com 27 prémios científicos, 2 doutoramentos honoris causa em universidades do Reino Unido e Estados Unidos, registaram 29 protótipos e outros outputs de base tecnológica e têm 13 novas patentes nacionais ativas e 21 patentes internacionais.

Ser protagonista implica arriscar, desbravar caminho e ultrapassar barreiras. Para a Católica, tal implicou, por exemplo, ser *first mover* na criação de formações inexistentes no país, de Gestão a Bioengenharia, até à recente licenciatura dupla em Direito e Gestão. Significou apostar há 12 anos em acreditações internacionais e obter a ambicionada Triple Crown (a acreditação de três agências na área de Gestão e Economia, EQUIS, AMBA e AACSB) antes de qualquer outra escola de Gestão, mas significou também criar um laboratório pioneiro de diagnóstico de saliva, o SalivaTech, que em associação à Faculdade de Medicina Dentária, em Viseu, é um exemplo modelar de articulação entre investigação básica e transferência de conhecimento com empresas da área biomédica. Continuamos a arriscar, com o futuro lançamento do LED – Laboratório de Ética Digital, uma iniciativa que congrega recursos da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, de Braga, da Escola de Lisboa da Faculdade de Direito e da Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais (CLSBE) além de parcerias estratégicas com a CISCO, com quem foi assinado um protocolo de cooperação em matéria de inovação e desenvolvimento, a Microsoft e Facebook. E porque atingimos o limite de capacidade infraestrutural e estamos a crescer, vamos investir no desenvolvimento do novo Campus Veritatis, em Lisboa, com a construção de um novo edifício para a CLSBE, que duplica a sua capacidade, e um espaço multifunções para servir toda a universidade, num projeto da autoria do Arquiteto Carrilho da Graça, ao mesmo tempo que se reconfigurará o campus Sul, numa ótica de sustentabilidade ambiental (retirando estacionamento da zona de relvado central), apostando na mobilidade suave e otimizando energeticamente os edifícios existentes.

Ser protagonista significa resiliência, ousadia, lutar contra o ‘sempre foi assim’ e não hesitar em fazer o bom combate. Sabemos que iremos protagonizar a primeira Faculdade de Medicina não estatal em Portugal, porque o país necessita, estamos preparados e o projeto tem qualidade, parceiros de referência e reforçará a educação médica no país. Sem hesitações, afirmo que o projeto é necessário para reforçar o sistema de saúde, que na próxima década poderá ficar dependente de contratações não-nacionais retirando capacidade ao país, à medida que populações mais envelhecidas e com maior esperança de vida necessitam de mais cuidados.

Mas é também necessária porque o país não se pode dar ao luxo de desperdiçar talento, obrigando-o a formar-se no exterior, e também porque queremos poder controlar a qualidade da formação dos médicos que aqui trabalham. E é relevante pelo valor acrescentado que traz para Portugal, criando impacto real na economia do conhecimento num projeto sem intervenção de subsídios do Orçamento de Estado. Acreditamos no funcionamento das instituições, na transparência, na concorrência leal. Os portugueses merecem mais do que o narcisismo das pequenas diferenças e o jogo interpretativo dos números, colocando uma folha excel sobre a realidade da vida, refletindo afinal aquilo que o economista John Kay chama ‘a maldição da quantificação fraudulenta (*bogus quantification*)’. A questão, afinal, é ter a coragem de decidir agora o que apenas terá impacto na saúde dos portugueses daqui a 10 anos. Contrariando o poeta, não podemos adiar Portugal.

Porventura, a missão mais nobre da universidade é dar espaço a novos protagonistas, ser uma plataforma de crescimento. Hoje em dia, tornou-se inevitável falar de investimento de impacto, acautelando o ambiente, a equidade social e a governança transparente. A matriz identitária da Católica faz com que a sua missão seja necessariamente orientada para o bem comum. A transferência de conhecimento não se realiza apenas na forte ligação que temos às empresas, mas também se joga na forma como possibilitamos a ação de novos protagonistas e lhes damos a capacidade de aspirar a um novo futuro. E é o que fazemos nas consultas de medicina dentária comunitária, oferecidas gratuitamente em Viseu; no projeto de intervenção comunitária para a população vulnerável que usa o Balneário de Alcântara em Lisboa, efetuado pelo Mestrado de Enfermagem; no apoio a jovens empreendedoras de Moçambique no projeto Girl Move, em articulação com a CLSBE, mas também na inspiração para o que podemos chamar o ‘currículo da misericórdia’, e nas múltiplas intervenções de responsabilidade social da CASUS – Católica para a Sustentabilidade, nos 4 campus da universidade. Cerca de 75% dos nossos alunos de licenciatura estão envolvidos em iniciativas de voluntariado e queremos em 2020 poder lançar o programa piloto ‘Ser Capaz’ destinado a estudantes em situação de fragilidade social, potenciado por acompanhamento tutorial específico para desenvolvimento académico e cultural. É com orgulho que as duas Faculdades da área de Gestão, a Católica

Lisbon School of Business and Economics e a Católica Porto Business School se associam às iniciativas a ter lugar em Assis no âmbito do grande projeto ‘A Economia de Francisco’, dedicado a repensar o modelo económico vigente. E ainda nesta linha, a CLSBE acaba de criar o primeiro Yunus Social Business Center em Portugal, uma parceria com o Prof. Muhammad Yunus e focada no desenvolvimento do ODS 17, Parcerias de Impacto e Desenvolvimento Sustentável, que permitirá aprofundar parcerias intersectoriais entre corporações e empreendedores sociais para o desenvolvimento de iniciativas de impacto.

Hoje celebramos também outros protagonistas, os novos doutores pela UCP, que aqui cumprimento, e ainda os colaboradores com 25 anos de presença na instituição e que constituem a força estruturante e muitas vezes invisível do trabalho da universidade. E temos o enorme prazer e orgulho de reconhecer o trabalho e a carreira de uma grande agente de mudança, uma líder do conhecimento que intervém na estruturação de um dos debates centrais do atual horizonte de ciência, a questão da inteligência artificial e da interação homem-máquina. A Profa Dra Maria Manuela Magalhães de Albuquerque Veloso é detentora da cátedra Herbert A. Simon, do Departamento de Ciências de Computação da Universidade de Carnegie Mellon e autoridade mundial em *machine learning* e inteligência artificial, área que investiga há mais de 30 anos. Co-fundou o RoboCup, uma iniciativa para o estudo de robots autónomos e desenvolveu os ‘coBots’, robôs colaborativos que partilham informação entre si e com os humanos. Com uma obra científica distinguida por vários prémios, e antiga Presidente da Associação para o Avanço da Inteligência Artificial, acredita na inevitabilidade de um futuro de automação simbiótica, que não tornará os seres humanos obsoletos, antes reforçará a sua dimensão de atores numa verdadeira economia de talentos. Em 2018, foi convidada para dirigir o centro de investigação em inteligência artificial do Banco JP Morgan. Pela excelência e pioneirismo do seu trabalho na procura de um entendimento fecundo entre a máquina e o ser humano, pelo empenho no estruturar das relações entre a comunidade científica dos EUA e Portugal, pelo serviço à causa do bem comum, a Universidade Católica Portuguesa outorga-lhe hoje o grau de Doutora Honoris Causa pela Escola Superior de Biotecnologia.

Pelo seu serviço à Católica, o Conselho Superior da UCP decidiu ainda atribuir à Juíza Conselheira Maria dos Prazeres Beleza a Medalha de Ouro da instituição. Docente da Escola de Lisboa da Faculdade de Direito desde 1981, onde atualmente é regente da disciplina de Processo Civil, tem sido uma das professoras assinaladas pelos estudantes como mais marcantes para o seu percurso, e inspiradora para o demais corpo docente, o que lhe valeu o Prémio Alumni em 2015. O percurso académico e profissional da Conselheira Maria dos Prazeres Beleza destaca-se por uma notável dedicação, integridade e sentido de serviço. Foi Juíza Conselheira do Tribunal Constitucional, eleita pela Assembleia da República, em maio de 1998, e é desde 2006 Juíza Conselheira do Supremo Tribunal de Justiça, tendo sido eleita em 2018 como Vice-Presidente, a primeira mulher a ocupar tal cargo. Por uma carreira de serviço ímpar, pelo legado notável a gerações de licenciados em Direito na Universidade Católica, é-lhe atribuída em reconhecimento e gratidão, a Medalha de Ouro da UCP.

Nesta cerimónia seria também agraciado o título de Benemérito o sr. Dr. José António Colares Pereira Fernandes Soares, a quem o Conselho Superior da UCP, nos termos da alínea l, do n. 2, do art. 28 dos Estatutos da UCP, deliberou atribuir o título de Benemérito pelo apoio concedido à UCP para a preparação de pessoas com valores, capazes de construir uma sociedade aberta, inclusiva, democrática, social e emocionalmente estável.

Concluo afirmando que a Universidade Católica será protagonista na medida em que souber formar e dar espaço a novos protagonistas, que não ignorem a complexidade que nos rodeia, mas que saibam, com criatividade e responsabilidade, contribuir para um futuro transformado no campo profissional, social e cultural. Nas suas atividades de ensino, investigação e transferência de conhecimento, a Universidade Católica Portuguesa não será um epígono da tecnocracia, mas protagonista de uma ecologia solidária e de um futuro eticamente responsável, socialmente inclusivo, respeitador dos direitos da justiça e preservando a dignidade humana e bem assim a vitalidade e diversidade da nossa casa comum. Parabéns aos novos doutores e aos galardoados e muito obrigada pela vossa atenção.